

POR UMA EDUCAÇÃO DO/NO CAMPO: A EXPERIÊNCIA DA ASSOCIAÇÃO COMUNITÁRIA DE BERIMBAU COM O PROCESSO DE AQUISIÇÃO DAS CISTERNAS-CALÇADÃO¹

Adeilma Queiroz da Mota²

Daniela da Mota Porto²

Lidiara Ramos da Silva²

Roselane Queiroz da Mota²

Orientadoras: Priscila Silva e Tatiane Gomes

RESUMO

O ideário sobre o Nordeste e o semiárido tem sido ressignificado no dia-a-dia, na luta, nos debates travados pelos movimentos sociais, sociedade civil e pelos povos que convivem com a falta d'água, com os preconceitos, que lutam pela terra, por se manter nela e, principalmente, fazê-la produzir. Esse processo ganha força e espaço principalmente através da educação do/no campo. Diante das crescentes ações educativas e políticas voltadas para o campo é que neste trabalho, buscamos compreender a dimensão formativa no processo de aquisição das cisternas-calçadão enquanto proposta de educação do campo e política pública, realizada na comunidade do Berimbau, Guanambi-Ba. Conclui-se que as capacitações oferecidas pela ASA (Articulação no Semiárido) contribuem para a melhoria da qualidade de vida do trabalhador e da trabalhadora rural, proporciona novas formas de aprender com as condições socioambientais que se tem e cria alternativas de cultivo com as possibilidades ofertadas pela natureza.

Palavras-chave: Educação do Campo. Cisternas-calçadão. Convivência. Semiárido.

INTRODUÇÃO

Pensar o semiárido no contexto atual requer pensar o Nordeste e o seu povo. Permeou-se, durante muito tempo e ainda hoje se faz presente no imaginário social uma concepção estereotipada de um Nordeste “seco”, “pobre”, “flagelado”, de “pedintes” e “mendigos” (Farias, 2009) cuja escassez de água era o referente para atenuar o estereótipo. Para tal era necessária políticas públicas emergenciais e assistencialistas que mais beneficiavam os dono

¹ Trabalho apresentado como requisito avaliativo do módulo I do curso de especialização em Educação do Campo, orientado pelas professoras Priscila Teixeira da Silva e Tatiane Gomes Marques.

² Graduated em Pedagogia e alunas do curso de Especialização em Educação do Campo ofertado pela Universidade do Estado da Bahia, UNEB, Campus XII. soueducadoraedai@hotmail.com
rosephiedra.deyd@hotmail.com danielamporto@hotmail.com

das grandes propriedades, reforçavam os preconceitos e as fragilidades dos nordestinos bem como as relações de poder que sempre existiram.

Esse ideário tem sido ressignificado no dia-a-dia, na luta, nos debates travados pelos movimentos sociais, sociedade civil e pelos povos que convivem com a falta d'água, com os preconceitos, que lutam pela terra, por se manter nela e, principalmente, fazê-la produzir. São anos de lutas que já produziram bons frutos com políticas públicas³ efetivas para os povos do campo como o direito a uma educação de qualidade no lugar em que vive ou tecnologias de baixo custo para a convivência com o semiárido.

Neste cenário de conquistas por meio das políticas públicas é que se insere a Educação do Campo. Esta é entendida como uma proposta que se inova cotidianamente, baseada nos saberes dos povos do campo, na experiência, na luta por políticas públicas e pelo reconhecimento de que é possível aprender num conjunto heterogêneo e multicultural.

Assim, ao discutir sobre as experiências de educação que se aproximem das concepções e princípios da Educação do Campo no município Guanambi, surgiu o interesse de compreender a dimensão formativa no processo de aquisição das cisternas- calçadão enquanto proposta de educação do campo e política pública, realizada na comunidade de Berimbau, Guanambi-Ba.

Essa experiência de captação de água através das cisternas-calçadão é uma ação da Articulação no Semiárido Brasileiro – ASA, executada em nossa região pelo Centro de Agroecologia no Semiárido – CASA. Estas instituições buscam constituir um novo modelo de políticas públicas que se baseiam na formação e na mobilização social da população do semiárido a partir de processos educativos desencadeados pela política de convivência com o semiárido.

Este estudo trata-se de uma pesquisa documental, uma vez que utilizaremos documentos como fonte de coleta de dados. Segundo Sá-Silva; Almeida e Guindani (2009). De acordo com os referidos autores, a pesquisa documental caracteriza-se pela busca de informações em documentos que não receberam nenhum tratamento científico, como relatórios, reportagens de jornais, revistas, cartas, filmes, gravações, fotografias, entre outras matérias de divulgação. Assim, recorreremos às atas, relatórios, material didático impresso utilizado na capacitação dos agricultores para elucidar o nosso problema de pesquisa.

³ “as políticas públicas podem ser definidas como formas concretas de implementar as diretrizes constitucionais para a efetividades de um determinado direito” (DUARTE, p.36)

Além da análise dos documentos, utilizaremos a entrevista semiestruturada para compreendermos a visão dos sujeitos contemplados com as cisternas-calçadão acerca da importância da capacitação recebida bem como do intercâmbio com a Associação de Araçá, Iuiu-Ba, para uma boa convivência com o semiárido.

CISTERNAS CALÇADÃO: alternativa tecnológica para a convivência no semiárido

A cisterna-calçadão é uma tecnologia que capta a água da chuva e tem contribuído para a melhoria da qualidade de vida de famílias agricultoras do semiárido brasileiro. Sua implantação inicia-se com a escolha das famílias. Não é uma escolha aleatória, uma vez que, no caso de Berimbau, os contemplados eram produtores/produtoras rurais que haviam recebido a cisterna rural de consumo com capacidade para 16 mil litros de água. Além disso, a seca, a quantidade de moradores por família, presença de crianças e idosos foram fatores utilizados na escolha.

Junto às famílias é discutida a importância das cisternas, os cuidados que se deve ter no manejo destas, além da capacitação para o melhor uso e aproveitamento da água captada. A família atua diretamente do processo de construção seja escavando o buraco seja disponibilizando mão de obra não especializada. Assim construída a cisterna-calçadão, a família recebe assessoria técnica para a implantação da experiência com produção que, geralmente, é voltada para o cultivo de hortaliças, frutas e animais de pequeno porte.

É uma “cisterna com capacidade de estocar até 52 mil litros de água, ligada a um calçadão de 200 metros quadrados que serve como área da captação da água das chuvas. Essa água escorre do calçadão até a cisterna através de um cano que liga um a outra” (ASA, 2014, p.10). Segundo a Articulação Semi-Árido (ASA, 2014), o tamanho do calçadão foi pensado para garantir o enchimento da cisterna mesmo em anos em que a ocorrência de chuvas seja abaixo da média. Sendo possível que a cisterna chegue a sua capacidade total com apenas 350 milímetros de chuva, permitindo a irrigação de salvação.

De acordo com a ASA (2014), as cisternas-calçadão tem o objetivo de estimular as práticas agroecológicas, estimular a troca de experiências entre os agricultores e as agricultoras, valorizar os saberes e as expressões culturais das populações locais, aumentar a renda das famílias, promover a organização e a mobilização da comunidade, garantir a soberania e a segurança alimentar e nutricional, bem como valorizar a participação da mulher e do jovem nas ações comunitárias.

Porque construir as cisternas-calçadão? Segundo a ASA (2014), quem convive no semiárido mora em uma região onde as chuvas são mal distribuídas ao longo do ano, daí a necessidade de estocar a maior quantidade de água de chuva possível. Neste contexto, a cisterna-calçadão surge como uma alternativa tecnológica para guardar esta água, seja pelo baixo custo seja pela forma simples de se fazer.

As cisternas são de grande utilidade a quem recebe, pois proporciona o aumento da quantidade de água disponível para as famílias favorecendo a diversificação de produção. A cisterna-calçadão é uma tecnologia altamente viável na medida em que se tornou “uma ação de política pública para a convivência no semiárido” (ASA, 2014, p.13).

EDUCAÇÃO DO/NO CAMPO: práticas e concepções

De acordo com a LDB 9394/96 Art. 1º “A educação abrange os processos formativos que se desenvolvem na vida familiar, na convivência humana, no trabalho, nas instituições de ensino e pesquisa, nos movimentos sociais e organizações da sociedade civil e nas manifestações culturais”. Assim, considerando essa definição oficial e as especificidades da educação do campo não podemos sequer pensar nesta educação como processos escolarizados apenas, mas principalmente como atividades que acontecem, primeiramente, vinculadas às atividades familiar, cultural e do trabalho e, em sua grande maioria, pela via não formal de educação.

Desta forma destaca-se que a Educação do campo pode ocorrer por meio de diferentes iniciativas, seja pela via formal ou não formal o que pressupõe que a educação do campo é maior que a escola, pois está presente no movimento, nas práticas de trabalho, na cultura e na organização dos sujeitos que ali vivem. Embora a escolarização seja importante, ela é apenas um dos tempos e espaços da formação humana do homem do campo.

Assim, não podemos pensar a educação do campo sem essa interação constante entre educação formal e não-formal, pois é nesse sentido que Molina (2010, p. 24) nos chama a atentarmos para a necessidade de se olhar a educação do campo

como um processo que vai além da escola e da infância/juventude. Enquanto processo de transformação, a educação envolve diferentes fontes e processos de produção do conhecimento e diferentes gerações, colocando a questão de como resgatar a experiência de lutas, de organização, os vários saberes acumulados ao longo das gerações. Isso impõe também pensar numa perspectiva geracional, que envolva no processo educativo adultos e idosos.

E a educação através de seus processos não formais de ensino, sem deixar de lado, contudo, os processos formais de educar, configura-se numa importante possibilidade de educar na luta pela terra e por melhores condições de vida no campo para e pelo povo do campo. É na troca e resgate de experiência entre diferentes e iguais gerações bem como entre comunidades rurais que a educação do campo se efetiva de fato para garantir o desenvolvimento íntegro do homem do campo.

Na prática, o que defende-se é uma educação do campo, que seja capaz de formar integralmente o ser humano, reconhecendo suas singularidades, acreditando que esta educação ressignifica a vida, a cultura, o trabalho e a dignidade de crianças, jovens, adultos trabalhadores (as) e idosos do campo. Enfim, reconhecer o campo como espaço de vida distinto, específico, mas vital e complementar a outros espaços e por isso mesmo passível de respeito e de uma educação que o contemple na sua especificidade promovendo as suas potencialidades e desenvolvimento.

Neste contexto, a dimensão formativa das cisternas-calçadão configura-se numa proposta de educação do campo contextualizada, pensada a partir do lugar do camponês entrelaçando o saber local com o saber regional ou global. As cisternas-calçadão é um projeto de educação não-formal que potencializa o homem do campo para garantir e edificar sua vida com respeito as diferenças e à natureza, com trabalho digno e possível, preservação de sua cultura e suas relações sociais. É, principalmente, política pública que garante a água e a sobrevivência no semiárido não somente por estocar, mas por fazer produzir, gerar alimento saudável articulado aos cuidados com a biodiversidade.

A DIMENSÃO FORMATIVA DA CISTERNA-CALÇADÃO ENQUANTO POSSIBILIDADE DE EDUCAÇÃO DO CAMPO

A Associação Comunitária de Berimbau localiza-se na zona rural do distrito de Mutans, município de Guanambi-Ba. Foi fundada no ano de 1990, conta 60 associados. É uma associação pequena que já conquistou vários benefícios que facilitam viver e produzir no campo a exemplo de luz elétrica, água encanada, cisternas de consumo, trator, poço artesiano e, mais recente, as cisternas-calçadão.

Foram 13 famílias contempladas com as cisternas-calçadão, destas, entrevistamos 5 por se tratar de breve levantamento de informações. Seguindo o aspecto ético da pesquisa daremos nomes fictícios aos trabalhadores e trabalhadoras que participaram da entrevista.

Achamos oportuno destacar que as entrevistadas passaram pelo processo de escolarização formal desde os anos finais do Ensino Fundamental II em turmas da Educação de Jovens e Adultos (EJA) chegando a concluir o Ensino Médio de formação geral ou com habilitação em magistério. Todas possuem uma trajetória de militância vinculada ao Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Guanambi por participarem da comissão de mulheres ou por ser presidente ou vice-presidente da Associação.

Sabe-se que a problemática do semiárido não se resolve simplesmente com a implantação da tecnologia no campo, faz-se necessário uma reflexão, uma política que o reconheça enquanto espaço heterogêneo, complexo, dinâmico, um espaço singular, produtor de cultura (RIOS, et all, 2015) onde os trabalhadores e as trabalhadoras rurais assumem o protagonismo e o próprio destino adotando perspectivas de convivência com o clima, com a natureza, seguindo os princípios da agroecologia. É neste contexto que se insere a capacitação das cisternas-calçadão configurando-se como uma política específica para melhorar a vida das famílias agricultoras e em exemplo de educação contextualizada.

Ao analisarmos o documento oficial da associação, a ata, verificamos que nada consta de registro acerca do processo capacitação, nem foram feitos relatórios. Embora não consideramos como essencial, sentimos falta deste registro nos documentos da Associação para verificar o olhar de quem participou da formação, suas impressões e também enquanto memória para consultas posteriores.

No que se refere ao material didático, trata-se de cartilhas elaboradas pela Articulação com o Semiárido (ASA) com textos curtos em uma linguagem clara e simples através de diferentes gêneros textuais, o que facilita a compreensão sobre como cuidar das cisternas-calçadão e outras tecnologias de convivência com o semiárido; como produzir um canteiro econômico; chama fortemente atenção para os cuidados com o meio ambiente, com preservação da biodiversidade e com alimentação saudável. Nesta perspectiva informa também, receitas de defensivos naturais no combate a pragas e insetos na lavoura, uma vez que há preocupação com o meio ambiente e a contaminação não só dos alimentos que serão ingeridos, mas, também o solo, o lençol freático com o uso de agrotóxicos.

Pode-se dizer que uma capacitação pensada a partir das necessidades reais da localidade com material didático tão rico e diverso, sem dúvidas proporciona a compreensão, faz conexão com a vida, com o movimento do campo (Caldart, 2003), com a história, com a cultura, com a identidade de ser/estar do/no campo.

Faz parte da capacitação a troca de experiências entre as famílias de agricultores e agricultoras de outras localidades, denominada de intercâmbio. No caso de Berimbau, o

intercâmbio ocorreu com a Associação Comunitária de Araçá localizada no município de Iuiu-Ba. Segundo as entrevistadas essa troca foi um momento importante da capacitação onde puderam adquirir novos conhecimentos e ideias, do quanto puderam aprender, sobretudo no que diz respeito à água, à seca, aos cuidados com o meio ambiente.

“aprendemos a viver na nossa localidade sem precisar de buscar recursos em outros estados. Aprendi como nós devemos conviver com a seca e tive a experiência de como economizar água para a produção” (trabalhadora 1)⁴

“Foi uma troca de experiências e adquirir mais conhecimentos sobre o cultivo das hortaliças e outros. Da experiência ficou desde o preparo do solo até a colheita = lições foram muitas, que o projeto visa não só a renda mais com benefícios para a saúde tendo em conta que não são usados nem um tipo de agrotóxico para o cultivo” (trabalhadora 4)

“aprendi muitas coisas boas a troca de experiências com as pessoas” [...] “Tendo água armazenada se vive bem no sertão água é vida. A fartura de água é fartura e alimento para garantir o sustento” (trabalhadora 2).

O acesso à água é direito básico e fundamental, assim, as cisternas-calçadão, garante o acesso a esse bem precioso por meio do armazenamento de água da chuva e possibilita a melhoria da qualidade de vida, preserva o meio ambiente, garante a soberania alimentar e nutricional do produtor e da produtora rural.

Além disso, as entrevistadas veem na cisterna-calçadão uma oportunidade de produzir alimentos saudáveis sem uso de agrotóxicos e gerar renda.

“A nossa região é muito seca com a cisterna tornou-se possível plantar e produzir mantimentos não só para o consumo próprio mas também como fonte de renda” (trabalhadora 4).

“vou ter uma alimentação saudável de boa qualidade e de baixo custo, onde pode agregar valor e ajuda na renda familiar podendo até vender por ser um produto de qualidade” (trabalhadora 3)

Ressaltam o quanto é importante permanecer em sua localidade. Destacamos aqui que não é aquela permanência proposta pelo Ruralismo Pedagógico baseado na ideia fixação (Ribeiro, 2012), mas aquela que vê o campo enquanto espaço de identidade, de cultura, de vida, de relações pessoais e sociais. É a concepção de lugar para além do que a Geografia nos permite compreender, lugar enquanto espaço vivido com significados construídos na experiência, no saber partilhado (Tuan, 1975, *apud* Moura, 2009).

⁴ Transcrevemos tal qual a fala das entrevistadas.

“Contribui para um trabalho em família sem sair para migrar para outros estados, gerando emprego e renda agricultura familiar” (trabalhadora 3).

“Contribui com o sustento familiar na sua pequena propriedade sem precisar sair para trabalhar em terras de terceiros. E garantindo alimentação saudáveis” (trabalhadora 1).

Segundo as entrevistadas, a tecnologia da cisterna-calçadão contribui, com certeza, para a melhoria da qualidade de vida do homem do campo. Deixa evidente nos discursos que a família é espaço de formação, de produção de conhecimento pautado no trabalho coletivo.

Indagamos se entendiam a capacitação oferecida pelo projeto cisterna-calçadão como uma proposta de Educação do Campo

“Sim porque foi feita no campo com os produtores da agricultura familiar” (trabalhadora 3).

“Sim que aprendemos a conviver no dia-a-dia de hoje. É caminhos para a convivência no semiárido” (trabalhadora 1).

“Sim porque aprendi produzir sem prodigicar a natureza” (trabalhadora 5).

Percebe-se que há uma compreensão do que é a Educação do Campo, uma educação pensada a partir do lugar, com os sujeitos do processo. Tem internalizados em seus discursos princípios da Educação do Campo, ainda que estes não estejam claramente definidos e do que seja conviver com o semiárido.

Compreendemos o termo conviver com o Semi-Árido na perspectiva da ASA, que significa

viver bem, com integração, tirando partido das suas potencialidades, levando em consideração o uso e o manejo da fauna e da flora, adequando estas potencialidades aos valores humanos para uma melhor qualidade de vida, buscando alternativas para melhor aproveitamento dos recursos naturais com o objetivo de desenvolver ações que melhorem a vida das famílias e que sejam capazes de enfrentar períodos de seca. (ASA *apud* FARIAS, 2009, p. 23)

Utilizar dos recursos que a natureza oferece, respeitando seus limites e potencialidades, articulado com o viver bem, com a melhoria da qualidade de vida não se faz sem (in) formação. Compreende-se que não basta dar a tecnologia é preciso capacitar os sujeitos para utilizá-la e fazer produzir por meio dos canteiros produtivos. Trata-se de produzir com as condições climáticas do sertão produtivo, com as adversidades de solo semiárido.

É importante mencionar o quanto prezam pelo respeito ao outro, pelo trabalho coletivo, pela partilha. O processo de construção das cisternas-calçadão da comunidade de Berimbau fez-se na coletividade, na ajuda mútua. Como destaca a trabalhadora 2 “*o segredo da nossa vitória está na partilha na ajuda na união no amor*”.

CONCLUSÃO

“Não é a palavra final porque estamos em constante movimento” (Cartilha da ASA)

Conviver no semiárido passa por processos pedagógicos e não o faz desvinculado da educação, da formação contextualizada. Educação contextualizada pensada a partir do lugar, construída com os diversos sujeitos no diálogo, na parceria. Neste contexto, as políticas públicas surgem para dar visibilidade ao campo, à luta pela terra, aos sujeitos que ali vivem, com sua história, sua cultura e singularidades. As políticas públicas permitem pensar o campo como um lugar “pleno em oportunidades rico em vida” (ASA, 2014).

Pensar a Educação do campo é pensar os sujeitos do campo em suas especificidades, valores, crenças e saberes; é dar voz a estes sujeitos; é pensar o campo enquanto espaço dinâmico, heterogêneo, complexo, permeado por lutas e tensões, em constante movimento (Caldart, 2003).

A Educação do Campo contextualizada possibilita pensar o nordeste para além do “subdesenvolvido”. Como um espaço em que é possível homem e natureza conviver em harmonia, um espaço produtor de cultura onde saberes locais e globais são partilhados. As ações da Articulação com o Semi-Árido ressignifica o nordeste por meio de práticas concretas que permitem compreender que é possível viver e conviver no semiárido.

As capacitações oferecidas pela ASA contribuem para a melhoria da qualidade de vida do trabalhador e da trabalhadora rural, proporciona novas formas de aprender com as condições socioambientais que se tem e criar alternativas de cultivo com as possibilidades ofertadas pela natureza.

REFERÊNCIAS

Articulação com o Semi-Árido (ASA). **Cisterna-calçadão: tecnologias sociais para convivência com o semiárido.** Serie estocagem de água para produção de alimentos. 19ª edição. Recife, 2014. Disponível em: <http://www.asabrasil.com.br>. Acesso em: 17/07/2017.

Articulação no Semi-Árido Brasileiro (ASA). **Cisterna calçadão para potencialização de quintais produtivos.** ASA, 2011. Disponível em < <http://tecnologiasocial.fbb.org.br/tecnologiasocial/banco-de-tecnologias-sociais/pesquisar-tecnologias/cisterna-calçadao-para-potencializacao-de-quintais-produtivos.htm>>. Acesso em 28 de junho de 2017.

BRASIL, **Lei de Diretrizes e Bases da Educação.** Lei nº 9.394/96, de 20 de dezembro de 1996.

CALDART, Roseli Salette. **Escola do campo em movimento.** Coletivo Nacional de Educação do MST e Instituto Técnico de Capacitação e Pesquisa da Reforma Agrária (ITERRA) Brasil. Currículo sem fronteiras, v.3, n.1, pp. 60-81, jan/jun 2003.

DUARTE, Clarice Seixas. A constitucionalidade do direito à educação dos povos do campo. In: SANTOS, Clarice Aparecida dos (org). **Por uma Educação do Campo: Campo, políticas públicas, educação.** Brasília: INCRA/MDA, 2008.

FARIAS, Ana Elizabete Moreira de. **Educação contextualizada e a convivência com o semi-árido no assentamento Acauã-PB.** João Pessoa: 2009. Dissertação de mestrado

JÚNIOR, Álvaro Francisco de Britto; JÚNIOR, Nazir Feres. A utilização da técnica da entrevista em trabalhos científicos. In: **Evidência**, Araxá, v. 7, n. 7, p. 237-250, 2011. Disponível em: www.uniaraxa.edu.br. Acesso em: 03/07/2017.

MOLINA, Mônica Castagna, (org). **Educação do Campo e Pesquisa II: questões para reflexão.** Brasília: MDA/MEC, 2010.

MOURA, Edinara Alves de. **Lugar, saber social e educação do campo: o caso da escola municipal de ensino fundamental José Pain de Oliveira – distrito de São Valentin, RS.** Santa Maria, RS, 2009. Dissertação de mestrado.

RIBEIRO, Marlene. Educação Rural. In: CALDART, Roseli Salette (org); PEREIRA, Isabel Brasil; FRIGOTTO, Galdêncio. **Dicionário de educação do campo.** Rio de Janeiro, São Paulo: Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio, Expressão Popular, 2012.

RIOS, Pedro Paulo Souza, *et all.* **A educação contextualizada no semiárido baiano e o advento de novas práticas na educação do campo.** Artigo publicado no XII Congresso Nacional de Educação: Formação de professores, complexidade e trabalho docente. GT: Educação do Campo, 2015.

SÁ-SILVA, Jackson Ronie; ALMEIDA, Cristóvão Domingos de; GUINDANI, Joel Felipe. Pesquisa documental: pistas teóricas e metodológicas. In: **Revista Brasileira de História & Ciências Sociais.** Ano I - Número I - Julho de 2009. Disponível em: < www.rbhcs.com>. Acesso em: 27/06/2017.